

Por quem os telefones se dobram?

Do livro "O Vampiro de Niterói"

O teatro estava lotado. Durante as últimas semanas a regra vinha sendo esta. O público atraído pelos elogios da crítica especializada, e pela importante propaganda de boca a boca, corria em massa ao teatro. "Por quem os telefones se dobram?" era a peça do momento na cidade do Rio de Janeiro atraindo o povo de uma maneira geral e até gente famosa.

Depois do terceiro sinal da sirene as luzes se apagaram e as cortinas se abriram. A cena era uma sala de estar com três poltronas uma mesa central e uma mesinha lateral ocupada apenas por um telefone. Havia também uma cristaleira com algumas porcelanas e no fundo do palco uma simulação de uma janela de onde se via outros prédios.

Mal a cortina se abriu, o telefone começou a tocar no palco vazio. O público em silêncio e o telefone tocando. Não existe coisa mais irritante do que o barulho de um telefone tocando sem parar e algumas pessoas da platéia começaram a se mexer com impaciência. De repente, no meio da platéia um homem se levanta.

– Já que ninguém vai se dignar a atender este telefone eu vou fazer isso – falava enquanto se dirigia ao palco por um dos corredores.

– Augusto! Volte aqui! Deixe de ser idiota – começou a gritar a moça que deveria ser esposa do Augusto.

– Se tiver uma coisa que eu não agüento é telefone tocando sem parar – respondeu já subindo no palco por uma das escadas laterais.

Augusto pegou o telefone perante uma platéia apreensiva, sem saber se tratava-se de um ator ou de algum maluco.

– Alô! Quem está falando? É alguém da platéia. Isso mesmo, um espectador. Não, não tem nenhum ator aqui no palco e eu fui obrigado a atender o telefone. Eu não agüento um telefone tocando no meu ouvido sem parar. Você que falar com quem?

– Quer falar com quem? Paulão? Tem algum Paulão por aqui?

– Bem, eu me chamo Paulão – falou um homem do meio da platéia, mas não vejo nenhuma razão para que alguém tivesse me ligado.

– Como é esse Paulão com quem você está querendo falar? - perguntou Augusto. Ah! Grande e com cara de bobo? Está aqui sim. É contigo companheiro – voltou a falar dirigindo-se ao sujeito da platéia.

– Que história é essa de grande e com cara de bobo?

– Foi o cara na linha que falou. Eu apenas achei que você preenchia a descrição.

– Augusto saia já do palco e deixe de bancar o idiota – gritava a mulher da platéia.

– Isso é um absurdo – gritava Paulão – eu não vou atender telefonema nenhum. É irracional alguém ter ligado para mim no palco de um teatro.

– Olha, tem um Paulão aqui que corresponde a descrição que você falou, pois é grande e com cara de bobo, mas ele disse que não vai atender a porcaria de telefone nenhum – falou Augusto ao telefone – O que? Se ele não atender você vai contar vai mandar o recado por mim. Eu não sou moleque de recado. – disse Augusto enquanto desligava o telefone.

– Que absurdo! O cara queria que eu fosse menino de recado!

– Você é quem ficou com cara de bobo agora – gritou Paulão da platéia.

– Eu posso ter ficado mas você tem.

– Augusto deixa de ser idiota e desça já do palco.

– Faça o que sua mulher está dizendo – completou Paulão.

Nisso o telefone volta a tocar.

– É melhor você subir no palco e atender logo este telefone – falou Augusto dirigindo-se a Paulão.

– É exatamente isso que vou fazer – respondeu Paulão pedindo licença aos espectadores da sua fila enquanto se dirigia para o corredor.

– Augusto, o Paulão é muito mais bonito do que você. Quem tem cara de bobo é você – falou a mulher do Augusto agora já em pé no corredor do teatro.

– Eu não te falei! A sua mulher tem razão – falava Paulão agora já subindo ao palco enquanto o telefone ainda tocava sem parar.

– Quando chegar em casa ela vai ver o que é bom para a tosse! – respondeu Augusto.

– Isso não vai ocorrer, porque eu vou para a minha casa e você vai para a sua. Entendeu? – falou a mulher do Augusto.

– Carmem, deixa de fazer tempestade num copo d'água!

– Tempestade em copo d'água? Para começar esta não é a primeira vez que você sobe num palco. Lembra-se daquela vez em que você pensou que o ator estava realmente batendo na mulher e subiu no palco para defender a moça indefesa? Isso sem contar daquela vez que subiu para beijar um travesti?

– Ih! O cara tira onda de machão e fica beijando travestis – gritou um espectador provocando risos na platéia e irritação em Augusto.

– Quem foi o idiota que soltou esta piada?

– Augusto, eu vou subir no palco e tirar você daí nem que seja a última coisa que eu faça na minha vida – gritava Carmem já subindo no palco.

– Ih! O cara beija travesti e ainda vai apanhar da mulher – voltou a gritar uma voz desconhecida.

– Eu quero saber quem é o covarde que está falando estas idiotices?

– Você não vai querer saber nada. Você vai é voltar para a fila E acento 32.

No fundo do palco Paulão atendia ao telefone.

– Eu não sou ator porcaria nenhuma. Eu sou um espectador que pagou para ver esta peça e agora estou aqui no palco fazendo papel de idiota. Quem era o outro? Era outro idiota que a mulher está tentando tirar do palco. Carlinhos? Meu amigo, eu não sou telefonista e nem moço de recados. Se

você quer falar com alguém então deve ligar para o telefone do teatro e não ficar ligando aqui para o palco. Eu sei que o palco é também no teatro, mas é diferente.

– Ih! É o Paulão! Você sumiu, Paulão! – gritou uma voz afeminada na última fila.

– É ele mesmo! Vamos lá no palco dar um beijinho no Paulão – confirmou outra voz afeminada.

– Não estou dizendo! O Paulão é Paulete – falou Augusto ao mesmo tempo em que tentava se livrar da mulher.

– Paulete é a puta que o pariu! – gritava Paulão enquanto desligava o telefone e partia para cima de Augusto.

– Segura o Paulão, ele não pode se machucar – eram os dois afeminados que agora subiam ao palco e já agarravam o Paulão.

– Epa! O que está acontecendo neste teatro? Será que estamos vendo a gaiola das loucas e não sabemos – gritou um senhor da primeira fila.

– Moreira, é melhor você ficar calado. O assunto não te interessa – falava a mulher ao seu lado.

– Quem quer explicações sou eu. Que história é essa de Paulão e Paulete? – gritou uma moça que subia ao palco atrás dos dois gays.

– Bia! Fica lá sentada! Eu acho que estamos participando de uma peça sem saber. É tudo representação. Aquele tal de Augusto deve ser o ator cujo papel é ficar atiçando os outros espectadores. Por isso que os críticos diziam que não podiam dizer nada sobre o conteúdo da peça sob pena de perder a graça. Com exceção daquele ator bobão ali – dizia enquanto apontava para o Augusto – todos nós estamos aqui fazendo papel de palhaços.

– Ator bobão é o caralho! – gritava Augusto do outro lado do palco sendo contido por Carmem.

– E os gays? São atores também? – queria saber Bia.

– São amigos, embora constrangedores, mas são amigos. Um homem não pode ter amigos homossexuais?

Nisso o telefone volta a tocar insistentemente enquanto discussões paralelas ocorriam no palco. Ninguém quer atender ao telefone. Nisso Moreira, o senhor da primeira fila, se levanta.

– Agora quem vai atender esta porcaria de telefone sou eu!

– Moreira! Deixa de ser ridículo! Aquilo lá é a maior gaiola das loucas. Você vai se meter no meio daqueles homens mulherzinhas – falava a senhora um pouco constrangida.

– O que é isso! Eu não estou entendendo mais nada. Acho que você tinha razão, Carmem. Estamos todos aqui fazendo papel de palhaço.

– Eu, por exemplo, já estou fazendo papel de palhaço há muito tempo, aliás há muitos anos – respondeu Carmem, agora já não se importando se Augusto continuasse ou não no palco.

– O que é isso Carmem, só por causa de um telefone que tocou num palco qualquer? A nossa vida é muito mais importante do que isso?

– O meu telefone já tocou no palco da minha vida várias vezes.

– Eu sou assim mesmo. Ajo sem pensar, mas eu adoro você.

Moreira já estava no palco, seguido da sua constrangida senhora e atendia ao telefone.

– Alô! O que? Você perguntou se não tem ninguém aqui para atender ao telefone? E eu sou o que? Paulão? Não, ele não pode atender porque está explicando para a sua namorada um caso que teve com dois gays. O outro? O Augusto? Ele beijou um travesti e está também passando por péssimos momentos com a sua mulher. O que? Se eu também tenho algum caso com um travesti? Você está pensando o que, seu idiota?

– Só tem gay lá no palco. O coroa estava nervoso porque estava fora da gaiola das loucas – gritou a voz desconhecida.

– Quem foi o idiota que falou isso? – quis saber Moreira.

– Isso mesmo, aparece que vai levar um soco na cara – gritou Augusto.

– Carlinhos? Não tem nenhum Carlinhos aqui, não – agora Moreira respondia ao telefone. Você está ligando para um telefone no palco do teatro. A peça já ia começar, as cortinas se abriram e o telefone começou a tocar. Um estressado não agüentou esperar algum ator aparecer para atender ao telefone e resolveu subir no palco. Aí a coisa desandou, apareceram dois gays e os podres começaram a aparecer. O cara que atendeu ao telefone primeiro tinha beijado um travesti e o outro foi identificado por outros dois gays.

– Gaiola das loucas? Isso mesmo. Está a maior confusão aqui no palco.

– Senhor, eu sou o Carlinhos com que ele está querendo falar – falou um rapaz que apareceu no palco por trás das cortinas.

Moreira sem entender passa o telefone para o Carlinhos.

– Isso aqui virou uma loucura. O Zé é um idiota. Quando eu falei para instalar um telefone no palco ele não tinha um aparelho. Como já passava das 6 horas eu falei para ele usar o aparelho da bilheteria. O cara não só pegou o aparelho como puxou uma extensão da linha. Coincidentemente, quando a peça começou, o telefone tocou antes do outro telefone que deveria tocar através do sistema de som. Pelo que entendi um cara resolveu subir no palco para atender e tudo desandou. Tudo bem. A bilheteria já está fechada, o Paulão já guardou o dinheiro no cofre e a peça já pode começar.

Carlinhos desligou o telefone quando o outro telefone, aquele do sistema de som, começou a tocar. Ninguém sabia o que fazer. Moreira ia atender, mas foi contido por Carlinhos que disse que a peça já ia começar. Nisso aparece um mordomo, assim trajado, no palco.

– O que está havendo aqui? Virou uma festa? Saiam todos daqui que a peça está começando – o telefone continuava tocando.

– Atende logo esta porcaria de telefone, senão vai começar tudo de novo – gritou Augusto.

– Eu só vou atender este telefone quando todos vocês sumirem daqui, inclusive o seu Carlinhos que não sei porque se meteu no palco.

– Eu vou te dar mais uma chance, mas se você subir no palco outra vez ou dar qualquer palpite em qualquer peça de teatro o nosso relacionamento vai terminar – falava Carmem para Augusto enquanto desciam do palco.

– Paulão é um cara igual. Gente fina. Educado e respeitador – falava um dos gays para Bia, namorada de Paulão, que concordava enquanto desciam pelo outro lado do palco.

– Alô! – era o tal mordomo atendendo ao telefone – Tudo bem Maria, mas se a vida for realmente um palco eu quero ser o ator principal junto contigo. Sim eu estou trabalhando, mas para você eu atenderei sempre, pois por ti os telefones se dobram?